



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO
• O Património Cultural
dos Oceanos
Portugal



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA



OCEANICA

Este número da Oceanica é publicado numa altura em que o mundo enfrenta uma pandemia de larga escala, cujos efeitos na política, na sociedade, na economia e na cultura a médio e longo prazos permanecem uma incógnita. Não é a primeira vez na história da humanidade que as sociedades humanas enfrentam surtos epidemiológicos: a Peste Negra do século XIV, o tifo, varíola e outras doenças que proliferaram entre o Velho e o Novo Mundo durante a época moderna; a cólera no século XIX e a Influenza, em 1918-1920, fizeram centenas de milhões de vítimas. Em períodos mais remotos da história, o mar e os oceanos desempenharam um papel fundamental nestas crises: mercadores, marinheiros e outras gentes foram os principais vetores de internacionalização destas bactérias e vírus, transportando-os nos seus barcos de porto em porto.

Com origem num mercado chinês em Wuhan, a Covid-19 chegou a todo o mundo e abalou todos os setores de atividade de uma forma implacável, incluindo o quotidiano de estudantes, investigadores e professores. Mas a investigação não tem parado e surgem informações de que os oceanos contêm uma das chaves para o diagnóstico do novo coronavírus. Uma notícia publicada no sítio da UNESCO prova que certos organismos descobertos nas profundezas dos oceanos possuem uma enzima isolada a partir de um micrório que potencia a deteção de Covid-19 de uma forma mais rápida. Ao invés de ser um deserto aquático, o oceano é um espaço de biodiversidade e de riquezas com um potencial ilimitado.

Neste número da Oceanica, os oceanos surgirão através dos seus agentes humanos, pelo papel que tiveram nas atividades mercantis, de conhecimento do mar, de exploração piscícola e de transformação da paisagem costeira. Pequenos contributos para que se continue a missão de Pierre Garcie, que procurou capturar “a arte e a ciência subtil e quase divina do nobre mestre do mar”.

Flávio Miranda (CITCEM, UP, colaborador do IEM) &

Amélia Aguiar Andrade (IEM, NOVA-FCSH)

FICHA TÉCNICA

OCEANICA – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, nº 2 da Série II (junho de 2020).

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Luís Sousa Martins (IELT)

EQUIPA DE EDIÇÃO
Anabela Gonçalves (IELT)
Carla Veloso (CHAM)
Carlos Moreira (IEM)
Carolina Vilardouro (IELT)
Diana Barbosa (IHC)
Joana Baço (CHAM)
Luís Sousa Martins (IELT)

DESIGN E EDIÇÃO FOTOGRÁFICA
Joana Baço (CHAM)

IMAGEM DE CAPA
Fragmento de uma carta de marear;
séc. XVI; CF Pasta vermelha.
PT/TT/FRA/20.01/07.

Email para o envio de informações,
notícias e sugestões de divulgação:
oceanheritage.news@fcsh.unl.pt

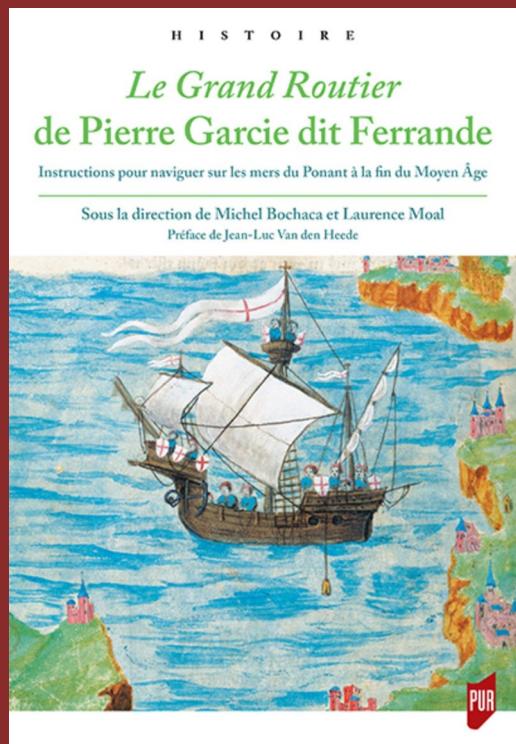
Website da Cátedra UNESCO
“O Património Cultural dos Oceanos”
www.cham.fcsh.unl.pt/ext/catedra

Facebook:
[@catedra.unesco.nova.oceanos](https://www.facebook.com/catedra.unesco.nova.oceanos)
Instagram: [@catedra.unesco.oceanos](https://www.instagram.com/catedra.unesco.oceanos)
Twitter: [@ChairOceans](https://twitter.com/ChairOceans)

UM INVESTIGADOR E A SUA OBRA

Michel Bochaca é professor de história medieval na Universidade de La Rochelle (França) e é membro colaborador do Instituto de Estudos de Medievais da NOVA FCSH há mais de uma década. A sua carreira de investigação tem sido dedicada aos temas das cidades portuárias e da organização dos espaços litorais atlânticos, assim como ao estudo das sociedades litorais e a exploração dos recursos e representações mentais. Sob a sua direção e de Laurence Moal, Bochaca publicou, em 2019, o trabalho *Le Grand Routier de Pierre Garcie dit Ferrande. Instructions pour naviguer sur les mers du Ponant à la fin du Moyen Âge*, na Presses Universitaires de Rennes. Trata-se da edição crítica de uma fonte redigida entre 1483 e 1484, um roteiro que contém instruções sobre como navegavam os marinheiros ao longo da costa atlântica da Europa no final da Idade Média. Um magnífico trabalho que nos transporta a um mar repleto de detalhes das costas e dos instrumentos de navegação desse tempo passado entre as pessoas e o ambiente, as sociedades e a natureza.

Flávio Miranda

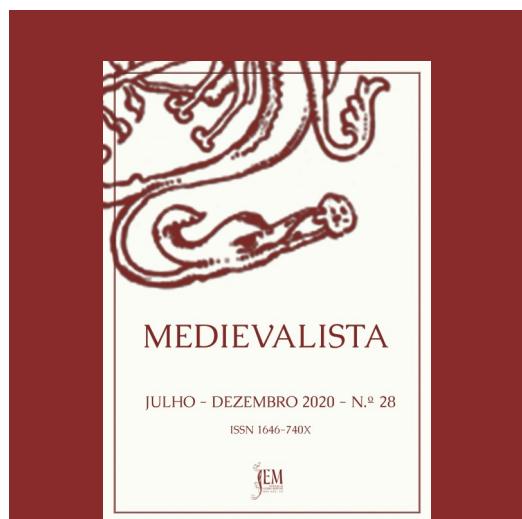


Bochaca, Michel e Laurence Moal. 2019. *Le Grand Routier de Pierre Garcie dit Ferrande. Instructions pour naviguer sur les mers du Ponant à la fin du Moyen Âge*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

UMA EDIÇÃO, UMA FOTOGRAFIA



João Vasques (?–1487) foi mercador e secretário pessoal da duquesa Isabel da Borgonha e fez a sua fortuna no comércio Euro-Atlântico. Viveu em Bruges durante quase toda a sua vida e morava na atual Zilverstraat. Autor: Flávio Miranda.



A CÁTEDRA DIVULGA

O N° 28 da *Medievalista* já se encontra disponível [aqui](#). A *Medievalista* trata-se de uma revista científica e especializada que se encontra disponível em acesso aberto e que se encontra indexada nas plataformas: SciELO Portugal, Latindex, Dialnet, DOAJ, LusOp enEdition, ERIH PLUS e Web of Science – SciELO Citation Index. O presente número conta com vários artigos, um dossier temático e uma edição e grafismo renovados.

4 PEQUENOS MOMENTOS DE CONHECIMENTO MEDIEVAL

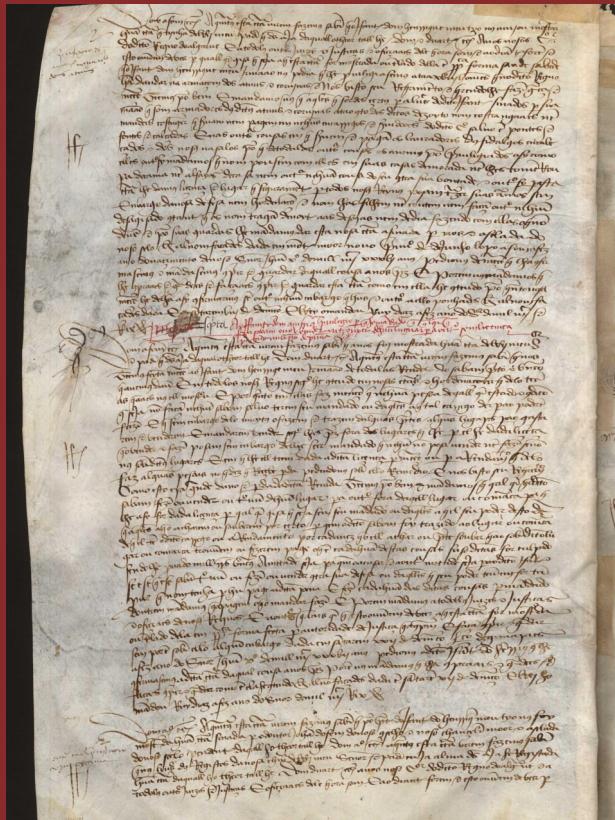
Conceito, objeto, arte de pesca e espécie marinha



Património cultural marítimo - conjunto de aspectos tangíveis e intangíveis associados às atividades humanas que têm lugar no ambiente marítimo no passado ou no presente (*Revisiting the Coast: new practices in Maritime Heritage*, Ed. Joan Lluís Alegret Tejero; Eliseu Carbonell Camós, Institut Català de Recerca en Patrimoni Cultural, 2014). Estuário do Rio Sado, Portugal. Crédito fotográfico: Ana Cláudia Silveira.



Moinho de Maré da Mourisca - estrutura moageira acionada pela vazante da maré cuja existência se encontra documentada em 1497. Constitui um dos vários edifícios desta tipologia construídos no estuário do rio Sado, tendo pertencido à família Queimado Vilalobos - Miranda Henriques. Reserva Natural do Estuário do Sado, Portugal. Crédito fotográfico: Ana Cláudia Silveira.



Afonso V (r. 1438–81) confirma os privilégios dados aos 18 homens do Infante D. Henrique que andassem nas suas armações dos atuns e corvinas no Algarve. ANTT, Chancelaria de D. Afonso V, liv. 20, fl. 39v. Publicada em: *Monumenta Henricina*, vol. 5, pp. 236-237; vol. 6, pp. 303-304. Autor: Gonçalo Melo da Silva.



Nos finais da Idade Média, as armações eram exploradas pelos armadores e dirigidas pela figura do atalaia. Este podia ficar na praia ou nas arribas a fim de avisar os restantes companheiros da aproximação de cardumes e sinalizar a sua localização. Os pescadores das armações recorriam ao sistema das almadravas, que combinavam o recurso a barcos com grandes redes de esparto ou, por vezes, de cânhamo, a fim de encurrarem e capturarem o pescado. Embora os pescadores privilegiassem o atum e a corvina, não menosprezavam um peixe miúdo apanhado nas suas redes, a sardinha. Imagem: *Voyage Pittoresque des Isles de Sicile, De Malte et De Lipari [...]*, Houel Jean-Pierre, Tome Premier (Quatrième). Paris, 1782-1787. Autor: Gonçalo Melo da Silva.

Projetos de investigação:

◆ MEDCRAFTS. Regulamentação dos mesteres em Portugal nos finais da Idade Média: séculos XIV e XV

O IEM é entidade participante do projeto MEDCRAFTS (PTDC/HAR-HIS/31427/2017) que pretende estudar a regulamentação da atividade dos mesteres, nos dois séculos finais da Idade Média, através da análise de várias cidades portuguesas, de diferentes regiões, numa perspetiva comparativa, agregando, para esse efeito, equipas de investigadores provenientes de várias universidades portuguesas. O IEM participa neste projeto através de uma pequena equipa que integra, em parte, investigadores associados à Cátedra UNESCO e que assumiu o estudo de um conjunto de núcleos urbanos de feição portuária marítimo-fluvial: Lisboa, Setúbal, Santarém e as vilas e cidades do Algarve. Numa perspetiva comparativa e integrada com os restantes estudos sectoriais levados a efeitos pelas restantes equipas, pretende-se desenvolver uma análise aprofundada da regulamentação, das práticas e do acesso ao exercício do poder dos ofícios ligados às atividades artesanais associadas ao mar, à pesca e ao quotidiano portuário. O projeto é coordenado por Arnaldo Melo (Minho) e está a ser desenvolvido no CITCEM-FLUP, LABP2-U: Minho, CIDEHUS-UE, CH-UL, CHSC- UC, e IEM - NOVA FCSH.

A equipa do IEM é composta por Amélia Aguiar Andrade, Ana Cláudia Silveira, Gonçalo Melo da Silva, Mário Farelo e Mário Viana.



Amélia Aguiar Andrade

◆ WORCK: Worlds of Related Coercions in work (Cost Action CA18205)

WORCK representa uma mudança radical de perspetiva na História do Trabalho por considerar que diferentes relações de trabalho coexistiram, entrelaçaram-se e sobrepujaram-se ao longo da história. Pretende ultrapassar as divisões clássicas no discurso deste campo (produtivo/improdutivo, livre/não livre, capitalista/pré-capitalista), ligando a produção científica sobre o trabalho e produção com a da violência, expropriação e marginalização. Rejeitando os modelos *male-breadwinner*, *free wage labourer* e *capitalist mode of production*, a ação procura abordar a persistência e transformação da coerção e escravidão através dos géneros, regimes políticos e épocas históricas. Nesse sentido, foram criados quatro grupos de trabalho: Gramáticas de Coersão; Sítios e campos de coerção; (Im)mobilizações da força de trabalho; e Interseção de Marginalidades. A abordagem conceptual permitirá criar um ambiente interdisciplinar que potencia as trocas entre os investigadores sobre diferentes tópicos de investigação como: trabalhos de construção em civilizações antigas; servidão e trabalho colaborativo nas sociedades rurais; escravidão; trabalhos de condenados e mecanismos de coerção nos estaleiros. Possibilitará ainda criar um enquadramento que supere o domínio da matriz ocidental nas humanidades e uma nova história do trabalho, onde o trabalho marítimo não será esquecido. Professora Dra. Juliane Schiel (Universität Wien) é a coordenadora da ação e Gonçalo Melo da Silva (IEM, NOVA FCSH), colaborador da Cátedra UNESCO, participa como membro da comissão de gestão, grupo principal e co-coordenador do "Think Thank" e das "Escolas de Outono".

Gonçalo Melo da Silva

Para ler com tempo:

David Abulafia (2019), *The Boundless Sea. A Human History of the Oceans*. London: Allen Lane. A história épica e milenar dos oceanos na sua relação com o ser humano tem um novo livro com 1088 páginas. O historiador britânico David Abulafia é o autor desta obra de larga escala que traça a história do movimento humano e as interações interoceânicas, seguindo o rasto de mercadores, exploradores, piratas, cartógrafos e viajantes nas suas buscas por especiarias, ouro, marfim, escravos e conhecimento.

Leitura rápida:

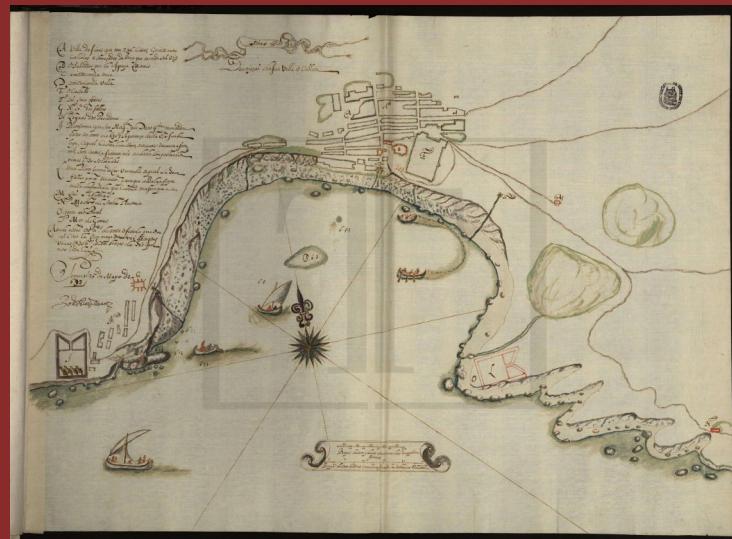
"*O Mar como Património*", palestra proferida a 8 de janeiro de 2019, integrada na Sessão Solene de Abertura do ano académico, na Academia de Marinha, por António Barreto, disponível [aqui](#). Uma proposta de intervenção cívica. Pensamos que é urgente criar um pólo de atração intelectual capaz de gerar as energias e apontar direções para gradualmente alterar a atmosfera intelectual dominante.

PORTE DA CIDADE

Na primeira metade do século XVII, a intensificação das preocupações com a defesa do reino refletiu-se na elaboração de "descrições", isto é, relatórios encomendados pelo poder régio, geralmente acompanhados de representações cartográficas relativas aos espaços visitados, os quais constituíam importantes instrumentos de administração e domínio do território. Neste âmbito, destacamos os relatórios elaborados por Alexandre Massai em 1617 e em 1621, com os títulos respetivamente de *Diligencias que em o mes de Maio passado deste presente ano de 1617 se mandou fazer nas obras e fortalezas da calheta de Sines e do Reino do Algarve*, inserida no Códice 29 da Casa Cadaval compilado por Luís de Figueiredo Falcão, e *Descrição do Reino do Algarve*, os quais constituem importantes testemunhos coevos, contendo informações relativas à população, à economia e à organização militar, incluindo ainda recomendações relativamente à melhoria das condições de defesa do território.

Alexandre Massai chegou a Portugal em 1589, no início do período de dominação filipina no nosso País, acompanhando o seu tio, frei Vicencio Cazale, oriundo de Nápoles, onde já realizava trabalhos para Filipe II de Espanha. Colaborou nas obras do Forte da Ilha do Pessegueiro, em Vila Nova de Milfontes, na construção da calheta do porto de Sines e projetou obras diversas no Algarve.

Ana Cláudia Silveira



Porto de Sines no século XVII.
Fonte: ANTT, Casa de Cadaval, nº 28.

NOTA DA EQUIPA EDITORIAL:

Neste 2º número da Série II da OCEANICA focamos a História Marítima e navegamos até ao período Medieval. Através de uma investigação colaborativa e de um trabalho cooperativo, aliados a um diálogo interdisciplinar (princípios basilares da Cátedra UNESCO "O Património Cultural dos Oceanos"), disponibilizamos mais um exemplar que esperamos contribuir para um maior conhecimento e entendimento do nosso património, esses pequenos grandes vestígios que a História deixa para trás, seja à beira da água, no fundo do mar ou através de práticas seculares que persistem.

Para dar forma a esse passado, os investigadores e os colaboradores do Instituto de Estudos Medievais da NOVA FCSH prosseguem as suas pesquisas, projetos e publicações que têm permitido uma melhor interpretação e compreensão da relação humana com o mar, as suas transformações e formas de exploração dos seus recursos. Este trabalho de equipa valoriza uma visão sistémica que inclui, também, a presença do Islão, a integração das periferias, as estratégias e os processos de alargamento e de expansão - nas suas vertentes do conhecimento e dos espaços.